

UBALDINO FARIAS DE BARROS

Nietzsche – A genealogia da moral

1ª Edição

Jonas Farias de Barros

**São Paulo
2014**

1. Introdução.

Nietzsche nasceu em Röcken, Alemanha, no dia 15 de outubro de 1844 e faleceu no dia 25 de agosto de 1900, vítima de complicações causadas por uma sífilis não tratada, que a levou também à insanidade mental. *A Genealogia da moral* foi publicada pela primeira vez em 1887, quando o autor gozava de 43 anos de idade, no qual recebeu fortes influências da obra do Dr. Paulo Ree, que escreveu: *A origem dos sentimentos morais* (Nietzsche, s.d, p. 11).

Nietzsche quando escreve *A Genealogia da moral* declara que completa algo que outrora já havia sido tratado por outros pensadores. Em o *Humano demasiado Humano* de 1878 é uma Obra introdutória à Genealogia da Moral, que seria necessário para melhor compreensão recorrer antes a primeira, para depois navegar na Segunda Obra (Nietzsche, s.d. p. 16).

Em linhas gerais, Nietzsche diz que passou a ver as questões de moralidade com um olhar cético, já que a moralidade poderia ser empregada como algo bom ou mal, ou como um bem ou um mal de acordo com a vontade ou querer do grupo dominante, que procurava justificar suas atitudes como sendo boas, quando na realidade estavam mascaradas de hipocrisia, enfermidade e equívoco. Em suma, a moral seria responsável pela desgraça do homem (Idem, p. 18).

Nietzsche relatou também que a história era uma das principais ferramentas para mostrar ao homem a falsidade da moralidade. Ao estudá-la o homem descobriria que a ideia de bem e de mal que temos não está em Deus, mas sim no próprio homem, que de acordo com seus desejos torna-se o criador da moralidade padrão a qual passa a ditar as regras do que passa a ser correto ou incorreto de acordo com esta visão humana demasiada humana (Idem, p. 15).

Na concepção do filósofo em análise, o estudo da história faz o homem reconhecer a falsidade da moralidade, e o apoio da psicologia vai lhe mostrar que a depressão na qual o homem se encontra levando-o ao niilismo é culpa exclusiva desta própria moralidade. A filosofia viria para criticar esta moralidade, relatando seus pontos negativos que alienam os homens (Idem, p. 18).

2. A genealogia da Moral

2.2 bom e mal – bem e mal

Nietzsche, em A Genealogia da Moral, deixa bem claro que estas palavras são subjetivas, pois tais significados têm pontos de vista diferentes entre opressores e oprimidos. O bom e o bem para a classe financeiramente dominante seria a inversão do juízo de valor, cujo objetivo se centrava em mascarar as ações egoístas como sendo boas ou sendo um bem. A aristocracia, por exemplo, desenvolveram suas concepções de bom, bem, mau e mal, da seguinte maneira:

“Foram os próprios bons”, os homens nobres, os poderosos, aqueles que ocupam uma posição de destaque e que têm a alma elevada que julgaram e fixaram a si e a seu agir como “bom”, ou seja, “de primeira ordem”, em oposição a tudo o que é baixo, mesquinho, comum e plebeu (Nietzsche, s.d. p. 25).

Desta forma, os nobres deram a linguagem os valores de verdade conforme os seus interesses a qual com o passar do tempo viciou a linguagem de modo que não somos mais capazes de pararmos para refletirmos nestas questões e nem poderemos mais perceber que a noção de bem e bom nos dados pela classe dominante são na realidade palavras antônimas, pois conforme Nietzsche mesmo expos:

... não é de menor interesse reconhecer que se perpetua ainda e muitas vezes, nas palavras e nas raízes que significam e fixaram a si e a seu agir como “bom”, ou seja, “de primeira ordem”, em que oposição a tudo o que é baixo, mesquinho, comum e plebeu... a própria origem da linguagem como um ato de autoridade que emana daqueles que dominam (Idem, p. 25).

Por fim, os nobres se valendo das mesmas palavras passaram a incentivar à discriminação e à eugenia. Somente o europeu era de boa raça e com as melhores atitudes, as melhores decisões, ao passo que os demais que foram ou colonizados ou conquistados. O nobre, representado na figura do europeu de cabelo loiro e liso e olhos claros, é o homem puro, fino e culto, ao passo que o conquistado que é negro, ou mulato com olhos escuros e cabelos crespos é rude, degenerado e feio. Inculcando estes juízos de valores, justificaram não só as colonizações, os massacres, a discriminação racial, mas também a escravidão (Idem, p. 28).

Os escravos e os plebeus percebem que não possuem identidade, pois o que impera é a identidade dos nobres: “Nós os Nobres, nós os bons, nós os formosos, nós os felizes”. Para o escravo e o plebeu o que lhes é transmitido é que não são nem se quer nobres, nem bons, nem formosos e nem felizes, mas estes excluídos se reconhecem como homens injustiçados, oprimidos, sem recreação, sem descanso levando-os a reconhecer no Aristocrata como opressores, destruidores como responsáveis pelo jugo da servidão e da injustiça. Nasce a vontade da plebe se revelar e romper em si e nos seus companheiros os grilhões da dominação nobre (Idem, p. 38).

Nietzsche nega que o duelo entre opressores e oprimidos, assemelhar-se-ia ao duelo entre a presa e o predador, já que o predador cessa seu ataque quando sua fome está saciada, ao contrário da Nobreza Europeia, que assemelhar-se-ia a um monstro insaciável, que por onde passou com sua horda de assassinos, deixou um rastro de destruição, torturas, mortes, porém tais atos eram justificados como bons, pois era um ato contra os brutos que precisavam ser domesticados pelos europeus para que se tornassem homens melhores. Com esta explicação, transformavam este juízo de valor em uma verdade, de modo que os assassinos e as futuras gerações ficavam isentas do remorso pelo mal que havia feito aos demais, além de transmitirem um sentimento de orgulho e serenidade da alma. (Idem, p. 38). Vejamos como Nietzsche expressou:

Foram as raças nobres que deixaram o conceito de “bárbaros” em seus vestígios por onde quer que passaram; sua elevada cultura continua a evidenciar o fato de que eles tinham consciência disso – sua indiferença e seu desprezo pela segurança, o corpo, a vida, o conforto, sua horrível alegria de espírito e o profundo prazer em toda destruição, em todas as volúpias da vitória e da crueldade – tudo isso, na imaginação das vítimas, se resumia na ideia de bárbaro, inimigo malvado, por exemplo do “godo”, do “vândalo” (Idem p. 39).

Nietzsche diz que principalmente a figura germânica, a que mais dominou e maltratou e transformou suas crueldades em verdades absolutas, só resta a concluir que a Europa não representaria de fato a nação fina e da raça mais avançada e pura, mas sim uma raça bestial. Ademais, que a mesma Europa em seus livros de história havia dividido a história em três partes, todas elas relacionadas com a civilização. Assim tivemos a Idade de Ouro e Prata, que se destacaram pelos ideais da Nobreza e por fim a Idade de Bronze, que é marcada pelos descendentes dos oprimidos que sobreviveram às

idades do Ouro e da Prata e que são agora, assim como foram os seus ancestrais, os atuais espoliados, brutalizados, deslocados, vendidos e desprovidos de sentimento e consciência (Idem, p. 39). Assim ele descreveu: “*A desconfiança profunda e glacial que inspira o alemão desde que ascende ao poder, em nossos dias, uma vez mais permanece sempre uma ressonância atávica desse horror indizível que durante séculos a Europa testemunhou na fúria da Besta Germânica*” (Idem, p. 39).

Se a Nobreza criou seus juízos de verdade para validade suas ações interesseiras, o mesmo se deu com as Religiões, que procurando se estabilizar e almejando crescer para se tornar tão forte quanto os nobres vai criar também seus juízos de valores. Como Exemplo, Nietzsche relata ao leitor que judaísmo, através de seus sacerdotes, inculcavam nos fieis que somente eles eram os bons, pois dentre os diversos povos que habitavam a terra, somente eles haviam sido escolhidos por Deus (Idem, p. 32). Vejamos:

... só para eles(Judeus) existe a bem-aventurança – quanto aos outros, os nobres e poderosos, são por toda a eternidade os maus, os cruéis, os cocuspicientes, os ensaiáveis, os ímpios, são por toda a eternidade os réprobos, os malditos, os condenados (Idem, p. 32).

Para Nietzsche a verdade dos judeus era uma mentira, pois o que eles almejavam como verdade era triunfar sobre a nobreza, e tal feito não tardou a chegar, pois os judeus não só triunfaram sobre a nobreza, mas sobre o Império Romano, pois eles foram e são os únicos campeões, já que continuaram a triunfar após a derrota da Nobreza e do Império Romano. **Os judeus com o triunfo são agora os Nobres dos ideais mais nobres** (Idem, p. 33).

De acordo com o filósofo em estudo, os explorados sempre vão se considerar bons, porque não exploram, não colonizam, não escravizam, não só porque suas atitudes são boas, mas também porque são humildes e pacíficos. É assim que se sentiam os plebeus, os colonizados, os escravizados na Idade de Ouro e Prata, os desprovidos de recursos na Idade de Bronze, os judeus e os cristãos quando explorados ou subjulgados, os quais esperavam pacientemente a vingança pela parte de deus. Para Nietzsche, esta atitude pacífica do oprimido, nada mais é do que uma válvula de escape, porque na realidade não querem aceitar a verdade de que são fracos ou covardes e temerosos de se

rebelarem e terem que sofrer na pele os castigos impostos pelos nobres (Idem, p. 43).
Vejamos:

Nós os fracos, não passamos realmente de fracos, convém que não façamos nada em vista de não sermos realmente fortes. Mas essa amarga situação, essa sabedoria em seu mais baixo grau que até os insetos a possuem (quem não se finge de morto para não fazer outra coisa em caso de perigo?).

O Oprimido que não se rebela, porque sabe que é fraco é capaz de perdoar o inimigo, não porque o perdoa de coração, mas sim pelo medo de enfrentá-lo e os religiosos beijam a mão e a bota dos poderosos argumentando que deus os instruem a respeitar as autoridades e que Deus cuidará dos oprimidos e punirá os opressores, porém tanto no primeiro caso, como no segundo ambos estão transpirando de ódio. Deus torna-se a válvula de escape para o oprimido, porque acalma no opressor o ódio que não se manifesta pelo medo que possuem em manifestá-lo. Eis portanto a verdade do oprimido, fingir ser bom pacífico ou religioso, porque é um covarde, mas a verdadeira verdade é que estes fracos querem algum dia serem fortes, e quando assim o forem não hesitarão de deixar deus de lado e eles próprios partem para cima dos inimigos para aniquilá-los. Basta voltar novamente ao caso da Roma e Judeia. Primeiramente esta com os ideais mais nobres dominam aquela e depois aquela com os ideais mais nobres, domina esta. Eis, portanto o povo sacerdotal reprimido vencendo Roma (Idem, p. 49).

Nietzsche diz, que é o duelo entre opressor e oprimido que caracteriza a vida em sociedade. É neste duelo, como já foi dito que a moralidade é criada e escrita e depois transmitida. A genealogia da moral vai se completar também, na medida em que a religião se impõe por derramamento de sangue, sacrifícios dos primogênitos, mutilações, rituais cruéis e depois como terapia para curar o homem do niilismo, somando-se também as leis para domar os súditos que se fixam pelo medo do castigo corporal tais como: lapidação, suplicio da roda, empalamento, esquartejamento, dentre outros. (Idem, p. 60).

Mais tarde a religião é tida como uma terapia para curar o homem do niilismo já que, na medida em que, a sociedade se desenvolve, ela marcará nas mentes dos as sequelas das tragédias como: escravidão, colonização, miséria, pobreza, sífilis, malária, alcoolismo, guerras de toda a espécie. A sociedade está mergulhada num mal-

estar que leva a um pessimismo, que faz o homem encontrar na convivência em sociedade o Niilismo (Idem, p. 126-27).

Pode-se dizer que, em geral, todas as religiões têm por objeto principal combater uma epidemia de cansaço. Pode presumir-se que de quando em quando deve haver em certos pontos do globo um *sentimento de depressão fisiológica* nas massas, cuja causa se ignora e cujo remédio se procura no campo psicológico-moral (esta é minha fórmula para tudo quanto se chama religião).

O castigo na sociedade surge, porque os homens ao conviverem uns com os outros estabelecem compromissos os quais precisam ser cumpridos. Desenvolve-se o Direito e com ele cria-se os contratos que firmam compromissos recíprocos, como por exemplo a relação do credor e do devedor, ou do Estado para com os cidadãos para que não infringissem as leis. Nietzsche demonstra que o castigo nem sempre foi aplicado para punir os transgressores da lei, mas sim muitas vezes foi utilizado como uma forma de vingança, ou seja, quando o homem desprovido de recursos é obrigado a fazer um empréstimo e por um motivo ou outro não conseguia pagar o credor, o qual se vingava aplicando castigos físicos ao devedor, ou matando-o, ou lhe retirando a propriedade, os filhos, a mulher, etc. (Idem, p. 62).

Pelo castigo de seu devedor, o credor participa do direito dos amos: ele também tem acesso enfim ao sentimento enobrecedor de estar no direito de desprezar e maltratar um ser que lhe é inferior ... contenta-se em vê-lo maltratado e desprezado. A compensação consiste, pois, num mandato e num título que autorizam a crueldade (Idem, p. 62).

Não é pelo pacto entre credor e devedor, nem sequer entre Estado e cidadãos que surge a noção de Dever, mas sim das consequências que as cláusulas do contrato. Não cumprir com o pacto é estar sujeito ao castigo, logo os homens preferem cumprir a qualquer custo as normas de contrato para não sofrer a punição, tal atitude é o que dá vida à noção do dever, que nada mais é do que mais um dos muitos juízos de valores inculcados na mente dos homens. O dever por sua vez precisou adquirir ser caráter sagrado após ter feito sofrer muitos mártires. O cumprimento do dever, não se dá pelo dever, mas sim pelo medo (Idem, p. 63), pois: *O que podemos conseguir, de modo geral, por meio do castigo, no homem e no animal, é o aumento do medo... fazendo isso, o castigo doma o homem, mas não o torna “melhor”*(Idem, p. 79).

Se a moralidade aplicou o castigo (mortes, torturas, afogamentos, sequestro dos bens matéris, dos filhos) para amedrontar os homens para fazê-los cumprir com suas promessas firmadas, também criou este mesmo castigo como um divertimento para os nobres ou para alegrar as massas. Casamentos, festas populares, não ganhava sentido sem que nem sequer houvesse algum indivíduo sendo torturado ou executado. Nem as religiões se aboliram este ato, pois elas mesmas se valeram do castigo em seus atos de fé público ou privado (Idem, p. 64). Recorramos as próprias palavras de Nietzsche.

Em todo caso, não faz muito tempo que não se podia conceber um casamento principesco acompanhado de festas populares sem execuções, torturas e autos de fé, assim como, nas casas dos nobres havia que dar livre curso à maldade ou à facécias cruéis... ver sofrer, faz bem; fazer sofrer, melhor ainda...sem crueldade não há festa: é isso o que ensina a mais antiga e longa história do homem, no castigo há muita festa (Idem, p. 64-5).

A estabilização do Direito é outra pérola da vida em sociedade, pois antes do direito não havia a noção nem de justo e nem injusto, ademais o próprio Direito passa a ser subjetivo, pois outrora o que ele punia com castigos, pode a passar não ser mais punido, pois o próprio direito é um influenciador dos costumes. A moralidade é algo que se valida e se nega o tempo todo. Todas as coisas que são hoje boas, outrora foram más. O Direito só se firmou porque também foi instituído com violência para forçar os súditos a se inclinarem as normas que o Soberano ditava ou o colonizador ditava às colônias. O mesmo ocorreu com a religião que também se firmaram num primeiro momento pelo uso da força daquele que tinha o poder. Somente depois tanto o direito, como a religião adquirem um caráter de ser um bem, por procurarem recuar as vinganças dos homens, quer pelo medo da punição das leis e os castigos físicos, quer pelo medo dos castigos e suplícios espirituais. Em suma, cada avanço que o homem fez na terra no campo da moralidade que são hoje um bem, mas que outrora causaram os mais terríveis suplícios, opressões e derramamento de sangue de seus mártires. (Idem, p. 86 e 111).

A criação do Estado apresentou-se sob uma forma de tirania e de uma máquina sangrenta, pois teve como subordinados a este Estado guerreiros comandados para conquistar e senhores para explorar. (Idem, p. 82). Vejamos:

Empreguei a palavra “Estado”: é fácil compreender o que me refiro – um bando de aves de rapina loiras, uma raça de conquistadores e de

senhores – que com sua organização guerreira e com sua força de organizar, não hesita em fincar suas terríveis garras...Essa é a origem do “Estado” na terra: creio que já foi bastante refutada a opinião que fazia remontar sua origem a um contrato. Aquele que pode comandar, aquele que por natureza é “senhor”, aquele que se mostra violento nas obras e nos gestos” (Idem, p. 83).

Nietzsche é claro em negar que o Contrato Social proposto por Hobbes nasceu para proteger os súditos e os livrarem do medo, nem como o que havia descrito Rousseau, quando alguém cercou um pedaço de terra e disse isto é meu, mas sim da astúcia de homens já interesseiros que empregaram suas forças em dominar e explorar os mais frágeis, tendo na figura do nórdico europeu, o grande exemplo. No princípio o explorar conquista e adquire escravos e colônias e impõe aos dominados os seus costumes. Com o passar do tempo, a colônia adquiriu não só os costumes do colonizados, como sua religião e está totalmente servil a ele (Idem, p. 83 passim).

O surgimento do niilismo leva também ao surgimento do ideal ascético, na figura do asceta. Mas surge outro problema, como identificar o asceta, já que o mesmo pode ser um místico ou um contemplativo, ambos com o objetivo único de tirar o homem do niilismo?(Idem, p.104).

Nietzsche argumenta, que filósofos como Schopenhauer tratou a sexualidade como sendo uma inimiga pessoal que impossibilitava a efetiva realização da virtude e da plenitude da vida moral, porém místicos de todas as espécies de seitas também concordaram com Schopenhauer neste ponto (Idem, p. 104).

O asceta está então sendo representado pelo sacerdote, pelo pastor, pelo devoto e pelo próprio filósofo. O filósofo por sua vez parece que desenvolve um ideal ascético mais adequado, porque presa pela liberdade e se opõe à opressão, procura não se isolar num retiro espiritual, mas sim num local que lhe permita se dedicar aos seus pensamentos para serem reproduzidos e apresentados aos homens propondo melhorias, críticas, etc.(Idem, p. 106). Vejamos:

O deserto para onde se retirava Heráclito... mas o que Heráclito queria evitar, também nós o queremos evitar: o ruído e o chafarizismo democrático dos éfesos, sua política, as últimas notícias do Império,

porque nós os filósofos, necessitamos sobretudo, de alguma coisa que nos deixe em paz.

O ruído, e as agitações da cidade não são para o filósofo, pois ele precisa do campo ou do isolamento para propor seus tratados. O ascetismo do filósofo é o mais nobre, pois está isento de interesses. É um ascetismo maternal. O filósofo não se casa, geralmente não produzem descendentes, mas o filósofo torna-se fecundo através de suas obras nas mentes dos homens (Idem, p. 108).

O sacerdote ou o místico são opostos ao filósofo. Seus ideais ascéticos são interesseiros, pois percebem o niilismo da sociedade e procuram animar aos doentes a saírem do niilismo através de uma fé. O sacerdote não liberta os homens, mas sim semeia constantemente o medo, para que os fieis tenham sempre nele um porto seguro em que possam se ancorar. O sacerdote passa a ser o salvador da sociedade, o advogado do rebanho doente e com isto passa a ser tido como um Deus a ser adorado (Idem, p. 121-22).

O sacerdote, chefe do rebanho, faz com que os homens creiam que são pecadores, quando na realidade o filósofo mostra que o pecado nada mais é do que um juízo de valor, que quer validar esta teoria religiosa, para negar esta tese o filósofo demonstra que se sentir pecador não significa que o sujeito o seja de fato, do mesmo modo ocorre com quem pensa que está se sentindo bem de saúde, quando na realidade não está (Idem, p.125).

O sacerdote se vale de artifícios, como ajudar, encorajar, consolar, elogiar para que o niilismo dos homens não os prejudiquem uns aos outros. Como método de encorajamento o sacerdote incita seus fieis a fazer o bem, não porque isto seja bom, mas sim porque promove um ato de superioridade naqueles que ajudam ou um sentimento de ser útil, o que serve de consolo para incentivar os homens (Idem, p. 130).

A cólera, medo, voluptuosidade, vingança, esperança, triunfo, desespero, crueldade. O sacerdote asceta tomou efetivamente a seu serviço, sem questionar-se, toda essa matilha de cães selvagens que habitam no homem e libertou ora um, ora outro, sempre com o mesmo objetivo, despertar o homem da tristeza, eliminar por algum tempo pelo menos sua dor acabrunhada, sua miséria indecisa, sempre em

favor de uma interpretação e de uma justificativa religiosa (Idem, p. 134).

3. Conclusão.

De tudo o que foi exposto em Nietzsche a Crítica a Genealogia da Moral é antes uma crítica ao contrato Social Defendido Por Hobbes. Para Nietzsche o medo que o homem sentia no **Estado De Natureza** lhe deixava forte, porém é somente a convivência em sociedade que tornou todos os homens frágeis e doentes (fisicamente e psicologicamente) porque é na convivência em sociedade que o homem diante dos males da sociedade torna-se depressivo e desgostoso da vida e tal depressão o faz contaminar os demais homens de modo que a sociedade como um todo passa a ter uma espécie de manicômio. O homem perde a crença, para ele nada mais tem significado. É na sociedade que o homem encontra o niilismo (Idem, p. 118).

Os doentes são o maior perigo para os sadios: não é dos mais fortes que vem para os mais fracos a calamidade, mas para os mais fracos... Decerto se não deve desejar que diminua o medo entre os homens, porque esse medo obriga os homens a serem fortes... ele mantém o tipo de homem robusto. O terrível e desastroso não é certamente o maior medo, mas o *grande desgosto do homem...* “última vontade” do homem, sua vontade de nada, o niilismo. De fato, muitas coisas já o preparam. Aqueles que têm olhos, ouvidos, nariz, percebem por todos os lados a atmosfera de um manicômio e de um hospital, em todas as partes do mundo civilizado, em toda espécie de “Europa”. Os *doentes* são o maior perigo do homem; não os *maus*, não as “feras de rapina”. Os desgraçados, os vencidos, os impotentes, os *mais fracos* são os que minam a vida e envenenam e destroem a nossa confiança...Nesse terreno pantanoso do desprezo de si mesmo cresce essa erva ruim, essa planta venenosa, pequena, oculta e adocicada. Aqui formigam os vermes de sentimentos de ódio e rancor (Idem, p. 118-119).

Em linhas gerais, o homem em sociedade é um prisioneiro dos costumes. É um ser que não pode se rebelar para se libertar e suas descrenças na moralidade faz com que trave uma batalha consigo próprio, que leva o homem a se corroer, se dilacerar e a se torturar a si próprio. O homem vai procurar se libertar de um mal que jamais será curado em sociedade, que é o sofrimento suscitado no homem pelo homem, fruto de sua ruptura violenta com o seu passado (Idem, p. 81).

O surgimento do niilismo leva também ao surgimento do ideal ascético

4. Referências

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. São Paulo: Escala.